

CIBERATIVISMO FEMINISTA NO BRASIL: A TRANSFORMAÇÃO DA ACEITAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS DIVERSOS NO INSTAGRAM

FEMINIST CYBERACTIVISM IN BRAZIL: THE TRANSFORMATION OF ACCEPTANCE OF DIVERSE FEMALE BODIES ON INSTAGRAM

Mariana de Castro Limeira¹
Amália Costa Farias²

RESUMO: Os padrões de beleza são conjuntos de normas estéticas que desejam definir como deve ser o corpo e a aparência das pessoas, especialmente das mulheres. O presente trabalho visa discutir o papel do Instagram na disseminação desses padrões e, em contrapartida, observar a crescente relevância do ciberativismo feminista na dissolução dos mesmos, tendo como pano de fundo o perfil movimento Corpo Livre, pioneiro em abordar a temática no Brasil. Para tanto, é discutida a origem dos ideais estéticos da sociedade brasileira, como eles se relacionam com as estruturas de poder patriarcais e quais são os mecanismos que fazem com que o Instagram seja relevante na perpetuação dessas normativas nos dias atuais. Por fim, são apresentados dados que mensuram o crescimento do perfil movimento Corpo Livre, discutindo como esse tipo de iniciativa atua para a transformação da aceitação dos corpos diversos femininos no Instagram.

621

Palavras-chave: Ciberativismo. Padrões de beleza. Instagram.

ABSTRACT: Beauty standards are sets of aesthetic standards that want to define what the body and appearance of people, especially women, should be like. This paper aims to discuss the role of Instagram in the dissemination of these standards and, on the other hand, to observe the growing relevance of feminist cyberactivism in their dissolution, having as a backdrop the Corpo Livre movement profile, pioneer in addressing the theme in Brazil. To this end, the origin of the aesthetic ideals of Brazilian society is discussed, as well as how they relate to patriarchal power structures and what are the mechanisms that make

¹ Graduanda em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela Universidade Anhembí Morumbi (UAM). E-mail: marianacastrolimeira@gmail.com.

² Mestre em Administração, Especialista em Marketing e Bacharel em Administração. Experiência de 12 anos como docente, lecionando em cursos de pós-graduação e graduação, nas áreas de negócios e comunicação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3805636940894782>. E-mail: amalia.farias@anhembí.br.

Instagram relevant in the perpetuation of these norms today. Finally, data are presented measuring the growth of the Corpo Livre movement profile, discussing how this type of initiative works to transform the acceptance of diverse female bodies on Instagram.

Keywords: Cyberactivism. Beauty standards. Instagram.

INTRODUÇÃO

É inteligível que grande parte dos movimentos sociais da atualidade, dentre eles o movimento feminista, tem encontrado na internet um meio para divulgar suas pautas e gerar engajamento de novos membros. É o chamado ciberativismo³ - que advindo da democratização da internet, apresenta crescente notoriedade à medida que transformações sociais reais acontecem a partir de organizações virtuais.

A autora Maria da Glória Gohn (2006), pontua a necessidade de mantermos um olhar atento às potencialidades das redes sociais digitais como forma de facilitar a compreensão do novo funcionamento de organizações sociais que, na contemporaneidade, passaram a operar com um certo grau de institucionalização, como é o caso das ONGs. Gohn chama atenção para o fato de que, nos nossos dias, os sujeitos políticos são protagonistas de ações coletivas e se organizam em redes.

Nesse contexto, o ciberativismo feminista ocupa, entre outras redes, o Instagram, e nele encontra espaço para contestar os padrões estéticos difundidos na rede social. Com isso, perfis de mulheres que expõem a imagem de um corpo não padrão e levantam discussões sobre o tema começam a ganhar seguidores, visibilidade e até têm alguns conteúdos viralizados por toda a internet. É o caso do movimento Corpo Livre, @movimentocorpolivre no Instagram, perfil criado pela jornalista, escritora, criadora de conteúdo e ativista Alexandra Gurgel.

O objetivo deste trabalho é discutir através de análises bibliográficas a origem dos padrões de beleza femininos e como eles passaram a ser disseminados nas redes sociais - especialmente no Instagram - e qual é a influência da rede na perpetuação desses padrões e na autoestima e autoimagem das mulheres. Além disso, será discutida a relevância e verificada a hipótese de ascensão da temática de liberação dos corpos femininos no Instagram através da coleta de dados e acompanhamento do perfil do movimento Corpo Livre, conta pioneira no assunto no Brasil.

1 A origem dos padrões de beleza e as estruturas de poder

Os padrões de beleza sempre estiveram presentes na estigmatização das mulheres ao longo da história. Já sofreram inúmeras mudanças, mas no Brasil, começaram a ser retratados a partir da colonização - as mulheres consideradas belas e ideais surgem da visão

³ Ciberativismo é um tipo de ativismo realizado por grupos politicamente motivados, que utilizam a internet para a realização, mobilização e divulgação de causas políticas, culturais, sociais ou ambientais.

eurocêntrica, católica e monárquica: são essencialmente brancas, magras, femininas e vestidas de acordo com a moda.

As pinturas foram os primeiros registros imagéticos feitos em solo brasileiro. Nelas, as mulheres da família real portuguesa eram representadas de maneira a adequá-las aos padrões estéticos da época, com características que muitas vezes divergiam da realidade. Para além dos retratos, neste período já eram utilizados artifícios como maquiagem, espartilhos, perucas, roupas e símbolos destinados a reforçar atributos ideais femininos.

A difusão dos padrões de beleza femininos através de retratos se acentua com o surgimento dos primeiros veículos midiáticos que possibilitam o uso de imagens. Desde o nascimento dos anúncios de papel, o corpo das mulheres vem sendo utilizado para promover produtos e estilos de vida. Segundo Silveira (2017, p.16) a “estética social do corpo nos é proposta (ou imposta) pelo discurso midiático e publicitário sob forma de modelos de ordem anatômica, fisionômica, cosmética ou de moda”. Os corpos apresentados na mídia são um reflexo do padrão estético ideal de seu tempo, e funcionam como um modelo para as mulheres, que supostamente devem se adaptar para estarem o mais próximas possível dessa imagem.

Com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação de massa, cada vez mais pessoas tinham acesso às imagens físicas ideais difundidas pelas propagandas e pelas celebridades. De jornais com ilustrações a tinta a revistas com impressões coloridas em alta definição, dos daguerreótipos até as câmeras digitais portáteis e smartphones, se tornou cada vez mais fácil consumir o corpo feminino.

Aqui, não há intenção de trazer uma análise histórica do emprego do corpo feminino na propaganda brasileira, mas sim fazer uma contextualização de como se iniciou uma tendência até hoje utilizada nas mídias em geral, principalmente naquela que é o plano suporte desse trabalho: o Instagram. Em seu livro “O Mito da Beleza” Naomi Wolf (2018, p. 131) diz que:

O ceticismo da época moderna desaparece quando o assunto é a beleza feminina. Ela ainda é descrita – na verdade mais do que nunca antes – como se não fosse determinada por seres mortais, moldada pela política, pela história e pelo mercado, mas, sim, como se houvesse uma autoridade divina lá em cima que emitisse um mandamento imortal sobre o que faz uma mulher ser agradável de se ver.

Para discorrer sobre como os padrões de beleza femininos vêm sendo disseminados e então questionados no Instagram e nas demais redes sociais, é importante se aprofundar nas origens desses padrões e suas relações com as estruturas de poder do capitalismo e do neoliberalismo patriarcais.

Mas por que é tão interessante política e economicamente a criação de um padrão para o corpo das mulheres? Ora, o corpo, de maneira geral, é peça fundamental na construção das estruturas de poder ao longo de toda a História da humanidade. Em o Mito da Beleza, Naomi Wolf (2018, p.17) diz que “as qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser

desejável”, explicitando que para as mulheres, essa forma de coerção vem ainda mais acentuada pelo machismo estrutural⁴.

Ao estudar as funções sociais do corpo, faz-se necessário considerar as análises substanciais de Foucault, autor que se dedicou a conceituar o modo pelo qual o corpo se tornou componente essencial para a operação de relações de poder na sociedade moderna. O ponto de partida de seus estudos recai sobre as sociedades monárquicas, em que o soberano tem o poder literal de determinar através de castigos físicos e penas de morte quem tem direito à vida, ou seja, quem está apto a participar daquela sociedade ou não. Com o passar dos anos e o estabelecimento das democracias, essa forma de coerção foi se transformando em um poder disciplinar, que atua nos corpos individuais através das leis, das regras sociais e do trabalho – a chamada biopolítica. Aires (2019, p. 88) observa que

De acordo o autor, as disciplinas visam tornar o corpo mais eficiente e mais dócil, sujeito a uma anátomo-política, que é, ao mesmo tempo, uma “mecânica do poder”, a qual permite perceber como se pode obter o controle dos corpos não para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, segundo a rapidez e eficácia exigida. As tecnologias e seus possíveis conjuntos de técnicas são organizados com base nas práticas de relações de poder-saber, que alicerçam processos de subjetivação. Assim, a constituição de corpos está diretamente ligada a interesses capitalistas para melhor gestão e eficiência de indivíduos.

O capitalismo, a partir de então, passa a ter o corpo como um de seus principais investimentos, tanto do ponto de vista estético, quanto da disciplinarização voltada para a produção através do trabalho hipoteticamente livre. Os membros de uma sociedade precisam adaptar suas ações e vontades ao que é socialmente aceito e ao grau de produtividade exigidos. Além disso, são educados a experienciar formas de confinamento durante todo seu ciclo de vida: primeiro na família, nas escolas, nas fábricas, eventualmente nos hospitais e possivelmente nas prisões – a expressão máxima do confinamento.

A restrição da circulação dos corpos a determinados ambientes perpassa pela classe social, gênero, raça e características físicas. A formação histórica das sociedades ocidentais caminhou para a coroação do padrão de normalidade aos homens brancos, europeus e heterossexuais, afinal foram estes que acumularam poder através do capital, das leis e da religião.

Sendo assim, os espaços se desenvolveram em uma lógica intencional de privar a circulação plena dos grupos que transgrediram as regras sociais e se distanciaram muito dessa imagem ideal – ressalvo quando precisavam servir às necessidades dos indivíduos dominantes. Nesse último contexto se incluem as esposas, as prostitutas e os trabalhadores e trabalhadoras de base.

Apesar de muitas dessas estruturas de poder e coerção perdurarem até os dias atuais, ou pelo menos terem suas raízes nos processos da biopolítica definida por Foucault, hoje

⁴ Machismo estrutural é o termo que define o caráter machista naturalizado culturalmente e inerente a diversos aspectos de uma sociedade.

outros fenômenos sociais e comportamentais são observados sob a perspectiva do neoliberalismo. Tendo em vista as mudanças na estrutura econômica e social ocasionadas principalmente por essa nova doutrina socioeconômica, Han (2017) identifica na sociedade contemporânea a passagem da biopolítica para o que ele chama de psicopolítica. Com esse conceito, o autor pontua que o neoliberalismo não está primeiramente preocupado com o biológico, somático e corporal, pois descobriu a mente como uma força produtiva mais eficaz.

O corpo não representa mais uma força central de produção, como acontecia na biopolítica, sociedade disciplinar. Agora, a produtividade deve ser enfatizada tanto por se conseguir ultrapassar a resistência corporal quanto pela otimização de processos mentais e psíquicos. A disciplina física deu lugar à otimização mental (HAN, 2017, p. 25).

Desse modo, Han (2017) afirma que o corpo está sendo libertado do olhar capitalista voltado para produção, porém se torna objeto de otimização do consumo, processo no qual o sistema neoliberal nos convoca à uma constante otimização individual. Para Han (2017), o sujeito hoje se auto explora de modo passional, pois acredita, com isso, estar sendo um empreendedor de si. “O self como obra de arte equivale a uma bela, mas decepcionante ilusão que o sistema neoliberal mantém para explorar seus recursos inteiramente” (HAN, 2017, p. 28).

É nesse contexto também, que apesar da aparente liberação dos corpos, os padrões de beleza continuam a se reforçar, não mais pautados na produtividade e normalidade, mas em símbolos modernos, como o fitness, a evolução pessoal, os exemplos de celebridades felizes e realizadas, entre tantos outros. E é a partir desses novos símbolos, que a diferença entre as opressões relacionadas ao corpo que atuam sobre homens e mulheres, continuam a se acentuar para o gênero feminino.

Antes de Foucault começar a teorizar sobre a biopolítica e ainda hoje com as publicações de Han, movimentos organizados de mulheres lutam para atenuar as diferenças pautadas em gênero. Porém, esses esforços ainda não impedem que o corpo das mulheres continue sendo explorado e consumido de forma ainda mais intensa que o dos homens.

2 A luta feminista *versus* o mito da beleza

Voltando esta análise para o recorte de gênero, passemos a discorrer sobre como as bio e psicopolíticas recaem especificamente sobre as mulheres que, retomando a citação de Wolf (2018, p. 17), têm seus corpos subjugados como símbolos do comportamento feminino desejável.

As mulheres que ao longo da história protagonizaram causas feministas colocando em pauta a almejada igualdade de gênero, possibilitaram muitos avanços em relação aos seus direitos de participação na vida pública e emancipação no ambiente familiar. Um grande avanço é, sem dúvida, a construção e afirmação do próprio conceito de gênero (GUEDES; PEDRO, 2010, p.4).

A partir do momento em que o conceito de gênero passa a ser difundido, é possível verificar com maior clareza as discriminações relativas a ele, que, até então, eram vistas com naturalidade para a maior parte das sociedades. Através dessa naturalização, criou-se um padrão de comportamento e estética ideal para as mulheres que não consideravam as características individuais de cada uma ou suas vontades. De maneira geral, nas sociedades ocidentais, são esperadas das mulheres atributos como sensibilidade, delicadeza e submissão, além de ser exigido que elas exerçam (e queiram exercer) os papéis de procriadoras e cuidadoras da prole e do lar, dentre outros que as colocam na posição de sexo frágil.

Por meio do conceito de gênero, também é possível definir com mais clareza como determinados papéis sociais colocam as mulheres em posição de inferioridade em relação ao homem, uma vez que essas incumbências estão associadas a afirmação do poder e liberdade do gênero masculino em contraste à submissão e obediência do feminino. Esse fato pode ser observado de maneira concreta na história por meio da delegação do gerenciamento da esfera pública total e estritamente aos homens (GUEDES; PEDRO, 2010, p.2).

Saffioti (1988, p.10), afirma que a atribuição de características específicas e diferenciadas a homens e mulheres são determinadas pelos diversos tipos de culturas e impostas por cada sociedade de forma específica, e que, ao serem naturalizadas tanto por homens quanto por mulheres, tornam o “ser homem” ou “ser mulher” diferente em cada sociedade. Portanto, é através dessa reflexão que é possível compreender a clássica frase de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*: “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”, ou seja, o corpo é determinante nas relações sociais, porém não é capaz sozinho de definir alguém enquanto homem, ou enquanto mulher, pois acompanha uma série de atribuições subjetivas e expectativas comportamentais que extrapolam sua forma física, delimitando assim o conceito de gênero.

Em meio a este paradoxo entre corpo e subjetividade, as mulheres seguiam sendo oprimidas em ambas as esferas, e passaram a se organizar na luta por direitos jurídicos, políticos e econômicos. Neste protagonismo pela luta da liberdade, destaca-se o movimento feminista que tem como marcos iniciais no final da década de 60, quando eclodiram grandes discussões da temática nos EUA e na Europa.

Um dos grandes marcos históricos do movimento feminista está justamente ligado a imposição de padrões de beleza. O protesto conhecido como “Queima de sutiãs” foi protagonizado por mulheres ativistas do movimento *Woman’s Liberation Movement* dos EUA, que estenderam uma faixa com as palavras “Liberação Feminina” durante o concurso *Miss America* de 1968. Elas também pretendiam atear fogo em objetos como sutiãs, maquiagens, espartilhos e outros que impunham a indução de uma ditadura da beleza durante a manifestação. Entretanto, o ato não ocorreu literalmente, pois o local do concurso não era um espaço público, impedindo sua realização legal. Porém, com a participação da mídia, a atitude dessas mulheres teve uma repercussão mundial, que trouxe consigo uma grande reflexão sobre a questão de gênero e os padrões estéticos.

No Brasil, segundo Goldenberg (2001), o movimento feminista demonstra características únicas e específicas, explicadas pela formação histórica e a dependência de

blocos hegemônicos a que o país foi subordinado desde sua colonização. Para a autora, os colonizadores trouxeram consigo o modelo patriarcal de família e a Igreja Católica como força política e instrumento de controle social, tendo como um dos resultados, o patriarcalismo e o conservadorismo da sociedade brasileira.

Além desse contexto sociocultural já estabelecido e apesar de influenciado pelas experiências européia e norte-americana, o início do feminismo no Brasil também foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país pelo golpe militar de 1964. Uma parte expressiva dos grupos feministas tinha caráter marxista e estavam articulados com organizações clandestinas de oposição à ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias, representando uma profunda transgressão ao que era designado como próprio das mulheres da época (SARTI, 2004, p.36).

As questões propriamente feministas ganharam espaço quando se consolidou o processo de 'abertura' política no país no fim da década de 1970. Os grupos se declararam abertamente feministas e passaram a reivindicar a igualdade de gênero no plano das políticas públicas. Nessa época as mulheres já haviam conquistado alguns direitos essenciais, como o do voto – resultado do esforço das sufragistas – mas que não eram pautados na discussão de gênero e nem provocaram mudanças substanciais em termos da posição social da mulher. É somente em 1988 que a Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens, as tornando legalmente cidadãs com os mesmos direitos e deveres dos homens – ao menos diante da lei.

A partir disso, passou a se observar diversos avanços sociais e políticos da luta feminista como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), sancionada em 2008, visando combater a violência contra a mulher. Destaca-se também a Lei do Feminicídio de 2015 (Lei nº 13.104) e definição criminal da importunação sexual contra a mulher em 2018 (Lei nº 13.718/2018).

Além dessas importantes conquistas legais, observa-se uma forte transformação cultural. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o percentual de domicílios brasileiros comandados por mulheres saltou de 25%, em 1995, para 45% em 2018, devido, principalmente, ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. As mulheres conquistaram direitos de controle de reprodução, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais e derrubaram crenças antigas em relação a seu papel social.

Diante de tantas conquistas, é curioso refletir sobre como no que se tange ao corpo e aos padrões estéticos, as mulheres não fizeram grandes avanços ao longo da história de sua luta social. Os avanços mais significativos nesse sentido, acontecem somente na contemporaneidade, simultaneamente ao desenvolvimento desse texto. Nos anos 90, quando Naomi Wolf publicou o Mito da Beleza, ainda não havia indícios de uma revolução na liberação dos corpos das mulheres. Na publicação, Naomi discorre sobre como a coerção sobre os corpos femininos através dos padrões de beleza só aumentou com a conquista de seus direitos. Segundo a autora, essa intensificação se deu pois como a economia, a lei, a religião, os costumes sexuais, a educação e a cultura foram forçados a abrir um espaço mais

justo para as mulheres, uma realidade de natureza pessoal veio colonizar a consciência feminina.

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente. (WOLF, 2018, p.13)

Ainda segundo Wolf (2018, p. 12), enquanto as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder machista, cresceram os distúrbios relacionados à alimentação e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), o Brasil é líder mundial no ranking de cirurgias plásticas em jovens, com um aumento de 141% no número de procedimentos nos últimos dez anos.

Nesse sentido, passam a eclodir reivindicações de mulheres que se conscientizam sobre a natureza do mito da beleza e de suas forças de opressão que atenuam sua liberdade. Porém, essa é uma força menos palpável e, portanto, ainda mais difícil de ser combatida. Os padrões estéticos se consolidaram como vieses psicológicos muito fortes que tendem a ser perseguidos como uma vontade individual, quando na verdade são fruto de uma enorme pressão externa construída pelo capital, pela cultura e pela mídia.

Esse fenômeno é acompanhado pela ascensão das redes sociais, que se tornam pano de fundo para a concretização dos ideais de beleza através de filtros, retoques, padrões irreais disseminados por *influencers*⁵ e marcas que promovem métodos milagrosos de emagrecimento e outras transformações corporais.

3 A disseminação de padrões estéticos através do Instagram

Segundo Silveira (2017, p. 17), desde o surgimento das redes sociais o destinatário da mídia tradicional tem sido convidado a se tornar destinador de si, a criar ou compartilhar conteúdos que lhe interessem, publicar fotos e imagens de acordo com sua vontade e estética pessoal e acessar o conteúdo eleito, sem a atuação aparente da mídia em suas escolhas.

Porém, mesmo com a aparente liberdade e espontaneidade das redes sociais, o conteúdo publicado é operado pelos mesmos agentes que moldam as mídias tradicionais. Isso é comprovado através da observação do enorme espaço que os anúncios e conteúdos patrocinados ocupam na tela dessas ferramentas. Dessa maneira, é fácil entender por que o

⁵ *Influencer*, ou influenciador digital, é um indivíduo que tem seguidores online em um determinado nicho com o qual eles se envolvem ativamente. Eles têm o poder de afetar o comportamento e as decisões de compra de outras pessoas através de sua autoridade, posição, conhecimento ou relacionamento com seu público.

mesmo padrão de beleza da publicidade tradicional continuou sendo difundido nas mídias sociais.

O Instagram foi lançado em 2010 e rapidamente se tornou uma das redes sociais mais utilizadas no mundo. Segundo o site da própria empresa, possui mais de um bilhão de contas ativas todos os meses (dados internos de junho de 2018). O Brasil está entre os países com maior número de usuários, com cerca de 16 milhões de perfis ativos, segundo estudo realizado pela Agência Iska Digital em 2016. A empresa de Marketing de Conteúdo Rock Content aponta que, em 2018, 7% das contas do Instagram eram criadas por brasileiros, ou seja, mais de 70 milhões. Hoje, esse número deve ser ainda maior.

O Instagram é uma rede essencialmente visual, onde os usuários são convidados a postar fotos e vídeos, aplicar efeitos a eles e interagir com publicações de outras pessoas, através de comentários, curtidas e compartilhamentos. Além disso, um usuário pode seguir o outro para acompanhar suas postagens e atividades dentro da rede, sendo o número de seguidores uma métrica importante para avaliação da relevância de um perfil no Instagram.

A rede social tem como principal elemento as imagens, e assim, diferente de exemplos como o Facebook e Twitter, é impossível fazer uma publicação textual no Instagram que não esteja associada a um elemento imagético. Por essa razão, desde seu lançamento, a rede é utilizada para compartilhar fotos do que há de melhor na rotina de seus usuários, além dos melhores retratos de si mesmos.

Não há surpresa ao identificar que de maneira geral os usuários do Instagram preferem compartilhar e consumir conteúdos que reforçam o padrão estético difundido. Uma pesquisa realizada com 600 imagens da rede social indica que a grande maioria das fotos mostravam apenas um tipo de corpo: magro e tonificado (BROWN; TIGGEMAN, 2016). A exposição repetida a estes físicos idolatrados nos leva a acreditar que corpos extremamente tonificados e magros são normais, atingíveis, esperados e centrais para que uma mulher seja considerada bela. Como resultado, temos cada vez mais pessoas insatisfeitas com o próprio corpo (GRABE et al. 2016).

Além disso, há evidências de que o algoritmo do Instagram incentiva publicações com exposição do corpo. Um estudo da organização alemã de pesquisa e defesa focada na tomada de decisões algorítmicas Algorithm Watch em colaboração com a European Data Journalism Network provou que a rede social favorece a visualização de postagens que mostram muita pele – como fotos de pessoas em roupas íntimas, nus estratégicos (que usam outras partes do corpo para se cobrir) ou em trajes de banho. A pesquisa também descobriu que as publicações contendo imagens desse tipo protagonizadas por mulheres tinham uma probabilidade 54% maior de aparecer no feed de notícias de um usuário em comparação com as demais.

O Instagram ainda possui mais um atributo atenuante em seu papel de disseminador de padrões estéticos: os filtros. O propósito inicial desses filtros era uma brincadeira divertida que permitia aos usuários ‘se fantasiar’ com características de animais, óculos diferentes, borboletas e outros efeitos visuais e sonoros. Porém, não demorou muito para

que surgissem filtros que transformam completamente o rosto das pessoas, deixando a pele mais clara, o nariz mais fino, a boca maior, os olhos claros, todas características bem conhecidas dos padrões de beleza e diferentes da realidade da maioria dos seres humanos (CORONATO, 2021).

A partir disso, diversos artigos e matérias de jornais e revistas foram publicados manifestando preocupação em relação aos efeitos negativos dos filtros utilizados nas redes sociais, que aumentariam a procura por cirurgias plásticas além de influenciar a imagem buscada como resultado dos procedimentos. Jornais como o Huffington Post e The Independent publicaram relatos de cirurgias plásticas que receberam pacientes em seus consultórios buscando procedimentos que os deixariam com a aparência dos filtros do Instagram (RAMPHUL, 2018).

Diante desse cenário desanimador, as mulheres começaram a reagir e utilizar o Instagram - uma ferramenta tão propensa para oprimir - a seu próprio favor. E assim começam a surgir perfis, hashtags e publicações com o objetivo de compartilhar corpos reais e enaltecer a beleza diversa e natural das mulheres. No Brasil, um dos perfis mais relevantes sobre o tema é o do movimento Corpo Livre, que será comentado adiante.

4 O Movimento Corpo Livre e a aceitação da diversidade corporal

Os primeiros registros formais de discussões e reivindicações acerca da inclusão de pessoas com corpos diversos nos diferentes ambientes sociais se dão nos Estados Unidos durante a segunda onda feminista com o *fat liberation movement* (movimento da liberação do gordo) ou *fat acceptance movement* (movimento da aceitação do gordo). Depois surgiu o “corpo positivo”, nos anos 1990, que deu origem ao Instituto The Body Positive (O Corpo Positivo) fundado por Connie Sobczak e Elizabeth Scott, que juntas trabalham no combate de transtornos alimentares, dentre outros problemas envolvendo corpo e mente (SOUZA, 2019).

Com o advento das redes sociais, o *Body Positive Movement* se tornou ainda maior, gerando mais relevância para indivíduos que não se encaixam no padrão estético estabelecido. Considerando o contexto do *Body Positive Movement*, a brasileira, comunicadora e ativista Alexandra Gurgel, criou a hashtag #CorpoLivre por meio do seu canal no Youtube, Alexandrismos, em 2015, e publicou seu primeiro livro sobre o assunto - o “Pare de se odiar” - em 2018. Em seguida criou a página Movimento Corpo Livre no Instagram para tratar exclusivamente do tema.



Figura 1: Instagram Movimento Corpo Livre

Fonte: Extraído do perfil @movimentocorpolivre em 12/09/2020. Disponível em:
<https://www.instagram.com/movimentocorpolivre/>

Alexandra é formada em Jornalismo pela PUC-Rio, e iniciou sua carreira como produtora de conteúdo digital no Youtube, com o já citado canal Alexandrismos. Ela utiliza suas redes sociais para tratar especialmente de temas pertinentes às mulheres gordas como gordofobia, machismo, transtorno psicológicos acentuados pela discriminação da sociedade, entre outros.



Figura 2: Instagram de Alexandra Gurgel

Fonte: Extraído do perfil @alexandrismos em 12/09/2020. Disponível em:
<https://www.instagram.com/alexandrismos/>

O movimento é mais ativo nas redes sociais e a página no Instagram é gerenciada por uma equipe comandada por Alexandra, que conta com a contribuição de vários outros influenciadores, além do auxílio de profissionais da saúde. Gurgel é uma referência quando se pensa nas discussões acerca de padrões de beleza e gordofobia⁶, assim, após a criação da página gerou-se mais visibilidade para a causa e houve mais espaço para que outros também pudessem produzir seu próprio conteúdo.

Conforme descrito na Figura 1, no início deste trabalho em setembro de 2020, o Instagram do Movimento Corpo Livre possuía 290 mil seguidores e 1.054 publicações. Em abril de 2021, os seguidores são 424 mil, e as publicações já somam 1.751, o que representa um crescimento de 46% nos seguidores e 697 novas publicações em apenas 6 meses. Além disso, hoje existem 484 mil posts no Instagram vinculados à hashtag #CopoLivre e mais de três mil outras publicações com variações da hashtag principal. O perfil de Alexandra Gurgel já conta com mais de 1 milhão de seguidores.

	Setembro de 2020	Abril de 2021	% Crescimento

⁶ Preconceito contra pessoas gordas.

Seguidores	290.000	424.000	46,2%
Publicações	1.054	1.751	66,12%

Tabela 1: Dados de acompanhamento do perfil @movimentocorpolivre no Instagram entre setembro de 2020 e abril de 2021.

Os dados apresentados demonstram a relevância do perfil do movimento e de Alexandra para a temática dentro do universo de influenciadores brasileiros no Instagram, contribuindo para uma mudança social ao incentivar que as pessoas, principalmente mulheres, olhem para seus corpos de maneira menos crítica, apontando a beleza que há na diversidade. O aumento exponencial no número de seguidores também demonstra um crescente interesse dos usuários do Instagram em consumir conteúdos que debatem a liberação dos corpos e combatem os padrões de beleza tradicionais.

5 CONCLUSÃO

A partir da revisão bibliográfica apresentada e dos dados levantados conclui-se que o Instagram é um importante agente na construção contemporânea dos padrões de beleza e influi principalmente na autoimagem e autoestima das mulheres, fazendo com que elas se comparem a padrões irreais produzidos inclusive através de artifícios próprios como os filtros e algoritmos de priorização de conteúdo.

632

Em contrapartida, o Instagram também se apresenta como espaço de questionamento desses mesmos padrões ao comportar perfis e hashtags ativistas que visam combater o ideal de beleza socialmente aceito e incentivar a apreciação de corpos naturais e diversos.

No Brasil, o movimento Corpo Livre é pioneiro e fundamental nessa pauta e apresenta um sólido crescimento exponencial em números de seguidores e publicações. Isso nos leva a concluir que a temática de liberação dos corpos femininos está se expandindo na sociedade brasileira, vislumbrando uma tendência de transformação social e de mudança no imaginário coletivo do que é a beleza.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriana. **Instagram: saiba tudo sobre a rede social**. Blog Rock Content, 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/instagram/>. Acesso em: 13/09/2020.

AIRES, Aliana Barbosa. **DE GORDA À PLUS SIZE: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA**. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior De Propaganda E Marketing, São Paulo, 2017.

BEAUOIR, Simone. **O segundo Sexo**. Fatos e Mitos. Volume 1. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1981.

BECKER, Maria Lúcia. **Verbete Ciberativismo**. Enciclopédia Intercom de Comunicação, 2010. Disponível em: <http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/enciclopedia>. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

BROWN, Z.; TIGGEMANN, M. **Attractive celebrity and peer images on Instagram: effect on women's mood and body image**. *Body Image*, 19, 37-43, 2016.

CORONATO, Giulia. **Os filtros do instagram estão impactando negativamente nossa autoestima?** *Steal The Look*, 2021. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/os-filtros-do-instagram-estao-impactando-negativamente-nossa-autoestima/>. Acesso em 12/04/2021.

EIRAS, Natália. **Os filtros do instagram estão mudando a nossa aparência na vida real?** *Revista Elle*, 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>. Acesso em 12/04/2021.

FACEBOOK INC. **Instagram Empresas**, 2020. Página inicial. Disponível em: <https://business.instagram.com/>. Acesso em setembro de 2020.

GODOY, Juan Diego. **Mais pele à mostra, mais visibilidade: é assim que o Instagram prioriza a nudez**. *El País*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-09-27/mais-pele-a-mostra-mais-visibilidade-e-assim-que-o-instagram-prioriza-a-nudez.html>. Acesso em: 13/02/2021.

GOHN, M. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **Sobre a invenção do casal**. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro-RJ, 2001.V.1 Nº1. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf>. Acesso em novembro de 2020.

GRABE, S.; WARD, L.M.; HYDE, J.S. **The role of the media in body image concerns among women: a meta-analysis of experimental and correlational studies**. *Psychology Bulletin*, 134, 460-76, 2008.

GUEDES, Olegna de Souza; PEDRO, Claudia Bragança. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres**. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar: Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: neoliberalism and new technologies of power.** Brooklyn: Verso Books, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** Tradução de Ênio Paulo Giachini, 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres – Ministério da Justiça e Cidadania. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato>. Acesso em: 30/03/2021.

LOURENÇO, Tainá. **Cresce em mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens.** Jornal da USP, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=381431>. Acesso em: 13/02/2021.

RAMPHUL, Mejias. Is "Snapchat Dysmorphia" a Real Issue? Cureus, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho.** São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1988.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória.** Estudos Feministas, Florianópolis, 12-264, maio-agosto/2004.

SCOTT, Joan W. **Preface a gender and politics of history.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n.3, 1994.

SILVEIRA, Vanessa Rozan. **Corpos e beleza no Instagram: estetização em busca de likes.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

634

SOUZA, Carolina Duó. **Body positive – estudo de caso nas mídias digitais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estética e Gestão da Moda) - Escola De Comunicação E Artes, Universidade de São Paulo, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.